

A hora da virada

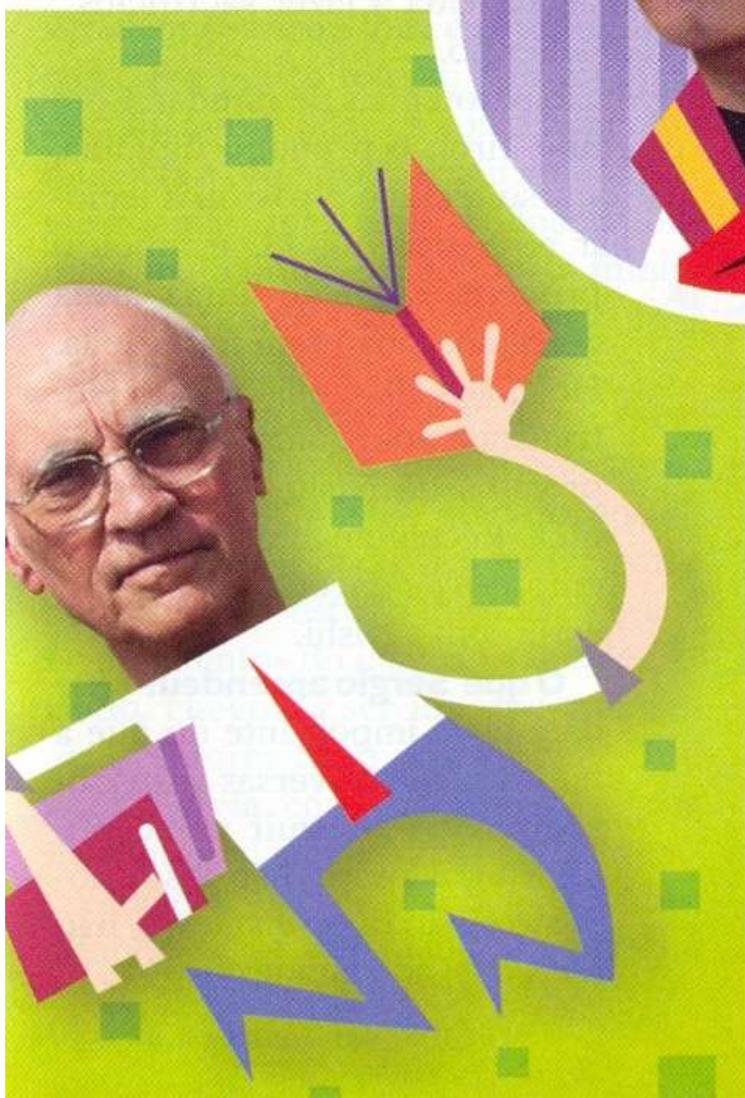
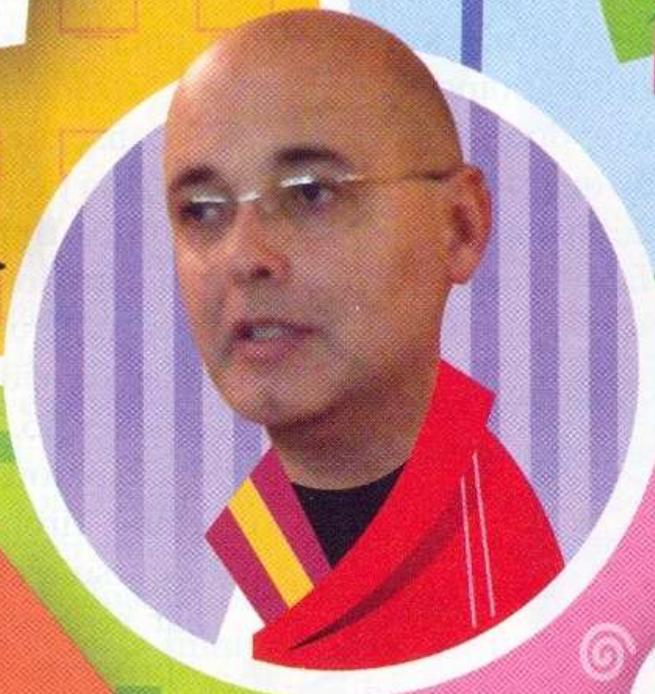
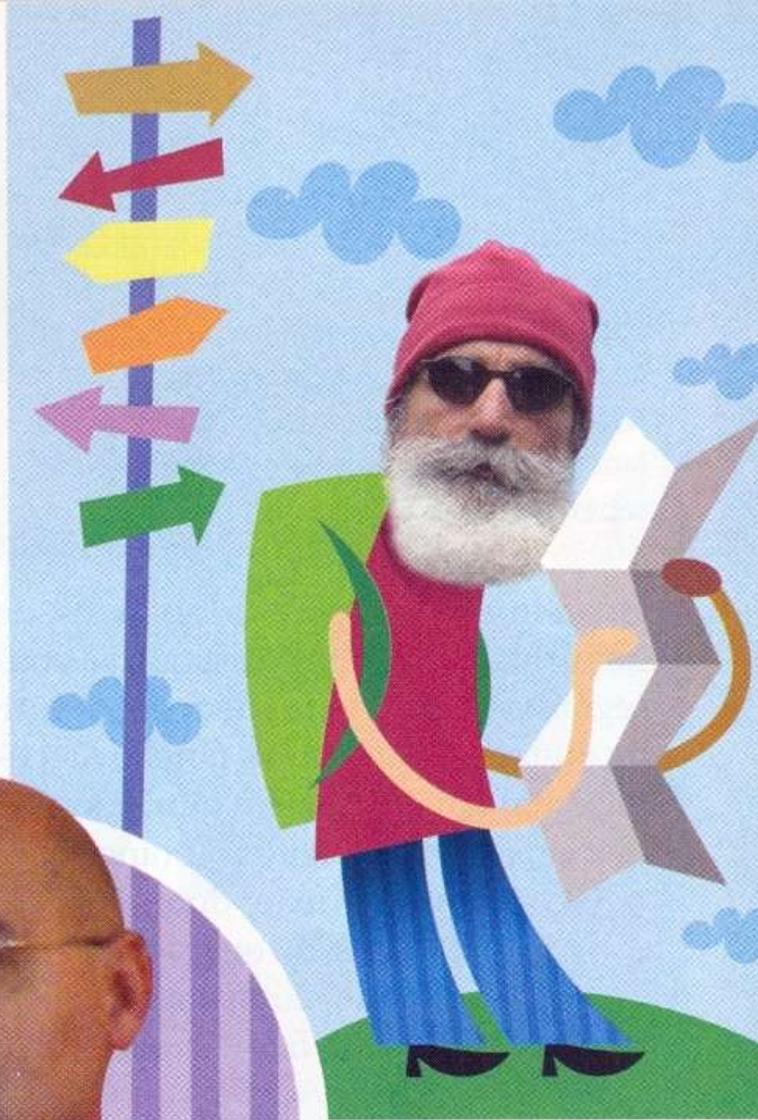
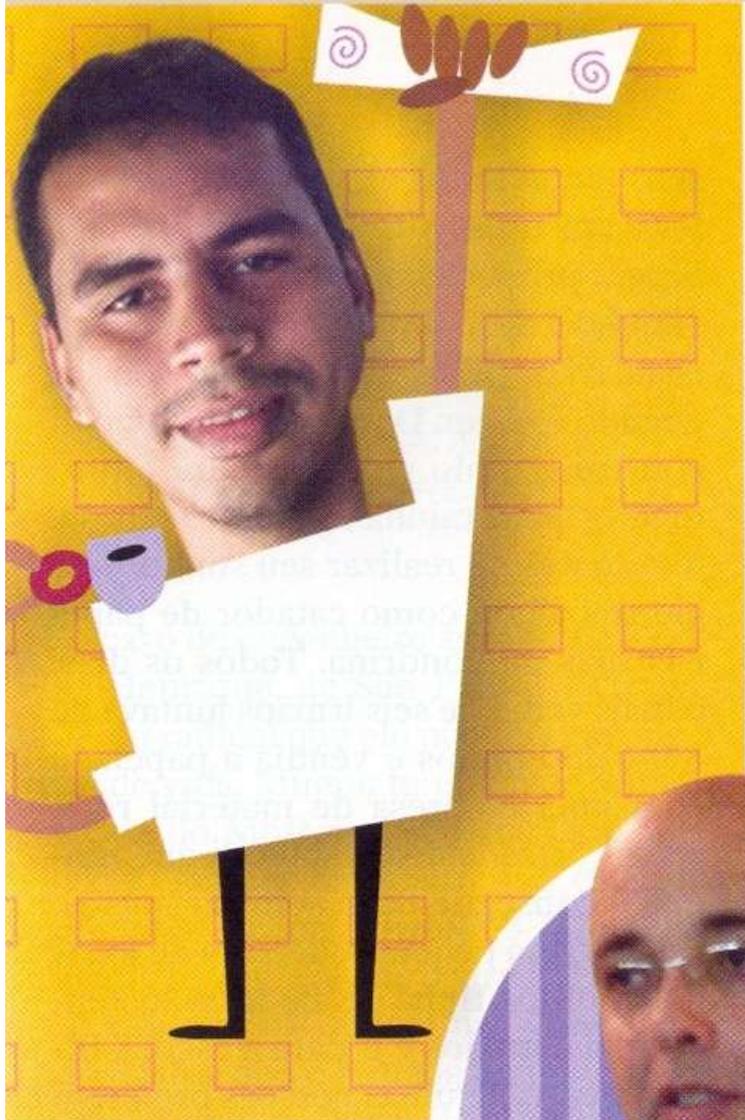
O que faz alguém mudar radicalmente de vida?

POR ANDRÉ BERNARDO

Estamos sempre em busca da felicidade. Isso é fato. E, para muitos de nós, ela pode vir na forma de uma carreira bem-sucedida, da família estruturada ou de uma viagem dos sonhos. Mas... e quando temos tudo isso e ainda sentimos um vazio? Ou, pior, quando parece que a vida não nos deu quase nada? Pois foi com o espírito de mudança e de superação que os cinco personagens das histórias a seguir decidiram agir. Do ex-morador de rua que passou em um concurso público

ao engenheiro agrônomo bem-sucedido que largou tudo para virar monge, o que parece mover estas pessoas vai muito além da busca pelo sucesso.

E, quando perguntamos o que cada uma aprendeu com a experiência, ouvimos que valorizar as coisas simples da vida, ter espírito de aventura, ser honesto, não se arrepender das escolhas feitas, ter um propósito na vida e correr atrás dele são algumas das lições adquiridas na prática. Se você sonha com a mudança, inspire-se e dê o primeiro passo!



Sérgio Fagundes

Momento da virada Aos 10 anos, Sérgio, que vinha de uma família humilde, tomou como exemplo a vida do vizinho electricista e decidiu seguir a mesma profissão.

Mantra “Nunca desista dos seus sonhos. Mas, para não desistir deles, você precisa saber exatamente o que deseja.”

Quando criança, Sérgio Fagundes, de Londrina (PR), acreditava que só conseguia vencer na vida quem tinha sorte ou dinheiro. Como a sua família não tinha nem uma coisa nem outra, achava que jamais seria “alguém”, como desejava sua mãe, dona Helena. Até o dia em que, aos 10 anos de idade, começou a observar a família de um de

seus amiguinhos e percebeu que eles levavam uma vida mais confortável. Sérgio procurou saber a profissão do vizinho e descobriu que ele era electricista. Aí decidiu: “É isso o que vou ser quando crescer. Dali em diante, decidi construir, tijolo por tijolo, um futuro melhor para minha família”, recorda. Mas, antes de realizar seu sonho, Sérgio trabalhou como catador de papel nas ruas de Londrina. Todos os dias, o mais velho de seis irmãos juntava de 100 a 300 quilos e vendia a papelada para uma empresa de material reciclável. “Desde cedo, aprendi que ninguém consegue nada sem sacrifícios. Quando era pequeno, deixava de jogar bola porque tinha de ajudar a sustentar meus irmãos e ir para a escola. Infelizmente, algumas pessoas preferem reclamar da vida a fazer sacrifícios”, acredita Sérgio.

Ele não parou mais de estudar. Com o tempo, tirou o primeiro diploma, fez curso técnico e passou a lecionar no Senai. Aos 18, arranhou o primeiro emprego numa firma do ramo. E não saiu mais de lá. Hoje, aos 38, é engenheiro electricista e atua como gerente de projetos da Nishi Eletromecânica. Recentemente, abriu uma empresa de engenharia em parceria com a Nishi.

O que Sérgio aprendeu? “Nada é mais importante do que a honestidade. Diversas vezes fui encorajado a seguir por caminhos errados. Se não fosse honesto e não tivesse valores, não teria chegado aonde cheguei.”



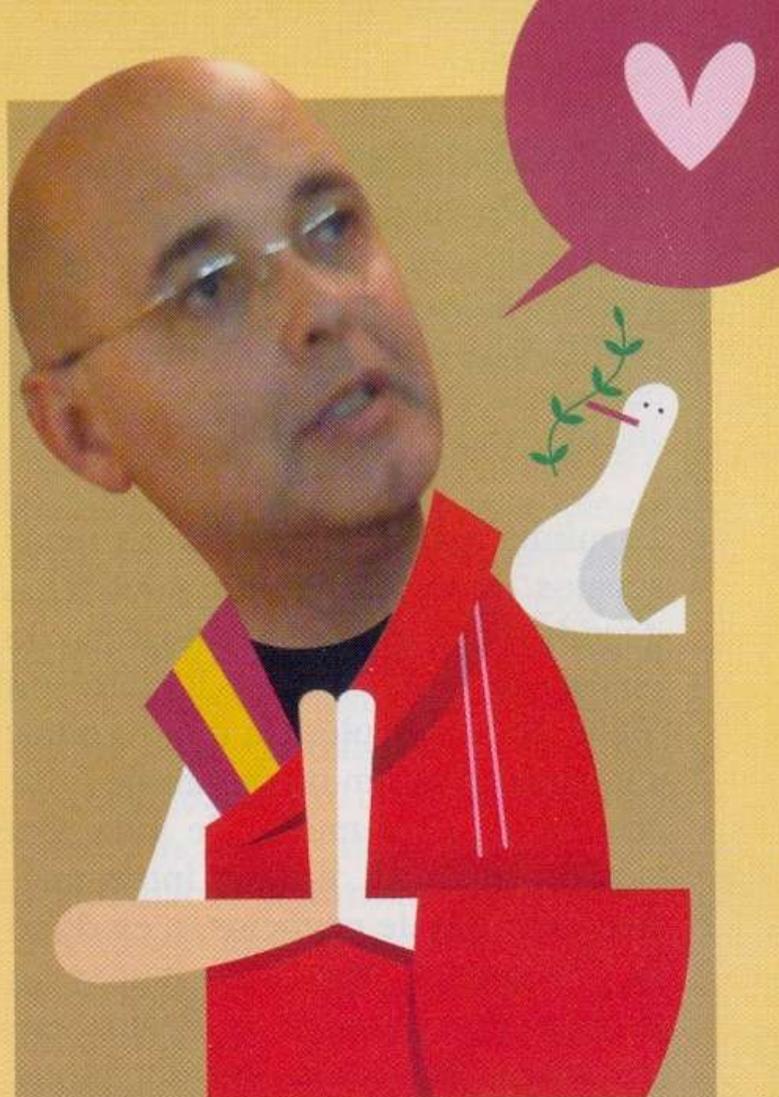
Rinchen Khyenrab

Momento da virada Carlos Henrique era um engenheiro agrônomo bem-sucedido, quando, aos 32 anos, decidiu virar monge. E mudou até de nome!

Mantra “É preciso ter consciência do manancial incomensurável que a natureza humana nos permite experimentar.”

No caso do engenheiro agrônomo Carlos Henrique, de São Paulo, a virada foi tão radical que ele não mudou apenas de vida. Mudou também de nome. Abade do Mosteiro Budista Tibetano Sakya Tsarpa, em Cabreúva (SP), o monge Rinchen Khyenrab Thupten Nyima reconhece que a virada foi radical, sim, mas não repentina. “Uma decisão dessas não é tomada da noite para o dia”, pondera. Antes de virar monge, Rinchen praticou ioga e estudou filosofia. Em pouco tempo, o ex-católico decidiu aprofundar os conhecimentos budistas e procurou conversar com alguns lamas (mestres). “A filosofia budista me ajudou a entender a minha relação comigo, com o outro e com o universo que habito”, explica.

O monge Rinchen Khyenrab exerceu a profissão de engenheiro agrônomo de 1983 a 1992, quando, aos 32 anos, resolveu dedicar a maior parte do tempo ao estudo, à prática e aos ensinamentos do darma. Naquele período, chegou a ser um dos maiores exportadores de frutas do país. “Até então, vivia como qualquer pessoa da minha idade: gostava de frequentar barzinhos e de ir a baladas. Mas, quando disse aos meus amigos que



abraçaria a vida monástica, muitos se afastaram”, relembra Rinchen, que não hesitou em transformar o sítio onde fazia churrascos nos fins de semana em mosteiro budista. O pai de Rinchen foi um dos que acharam que o filho estava ficando louco. “Ele custou a entender por que eu estava trocando a bem-sucedida carreira nos agronegócios por uma vida de monge mendicante”, afirma Rinchen. “Anos depois, meu pai descobriu que tinha câncer. Foi quando pediu para passar os últimos meses de vida em minha companhia, no mosteiro”, emociona-se.

O que Rinchen aprendeu? “Não me arrependo de nada do que fiz. Pelo contrário. Eu me orgulho da minha trajetória. Perdi alguns amigos, mas ganhei outros”, regozija-se.

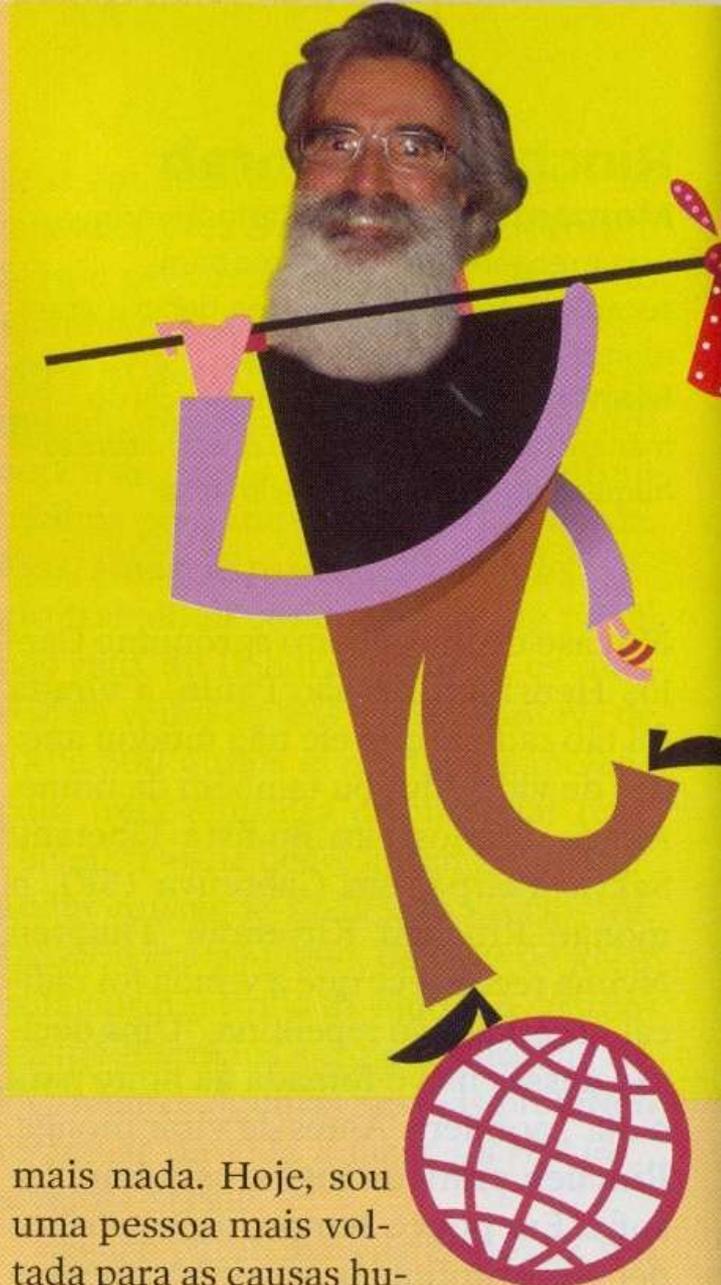
Richardson Valle

Momento da virada O ex-dono de postos de gasolina aproveitou a crise econômica para sair pelo mundo.

Mantra “É preciso estar atento aos pequenos detalhes da vida. Normalmente, eles são os mais importantes.”

“A minha casa é onde estão os meus sapatos.” Este parece ser o novo lema de vida do ex-empresário do ramo de postos de combustíveis, Richardson Valle, de São Paulo. Há quatro anos, ele aproveitou um momento de crise econômica para mudar de vida. Em vez de passar os dias em intermináveis reuniões de negócios, o ex-dono da Companhia Mercantil Itaipava e da Rede Bandeirantes de Postos, entre outras empresas, decidiu largar tudo e sair pelo mundo. Literalmente. E de nada adiantou receber convites para assumir o comando de outras empresas. Richardson estava decidido a fazer o que sempre desejou e nunca teve coragem. “Não adianta você perder tempo se perguntando: ‘E se eu tivesse feito isso ou aquilo?’. O ‘se’ não leva ninguém a lugar nenhum. Você tem de ir lá e fazer. Ou, pelo menos, tentar”, ensina Richardson, hoje com 66 anos.

A derrocada profissional coincidiu com o fim de um casamento de 30 anos. Pai de dois filhos, Richardson garante que a família respeitou, e muito, sua decisão. “Infelizmente, vivemos muito preocupados com a economia globalizada. A todo momento, só queremos saber se o dólar caiu ou se a bolsa subiu. Não temos tempo para



mais nada. Hoje, sou uma pessoa mais voltada para as causas humanistas e ambientais”, analisa. Com uma mochila nas costas, Richardson já percorreu países como Índia, China e Peru, entre outros. “Desde 2006, vivo à custa da minha aposentadoria e dos muitos amigos que fiz ao longo da minha vida profissional. Sou hóspede deles em minhas andanças pelo Brasil e pelo exterior”, explica. A próxima parada, cogita Richardson, será a Floresta Amazônica, no segundo semestre.

O que Richardson Valle aprendeu?

“É preciso dar valor às pequenas coisas da vida. Na maioria das vezes, a gente não dá a elas a importância que merecem.”

Ubirajara Gomes da Silva

Momento da virada Ele era morador de rua mas não se acomodou: aos 21 anos, decidiu voltar a estudar. Hoje, Ubirajara é funcionário público concursado.

Mantra “Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo.”

Impossível. Eis uma palavra que não consta do dicionário de Ubirajara Gomes da Silva, 29 anos, que trabalha como escriturário no Centro de Operações do Banco do Brasil, em Recife (PE). Ele chega ao escritório às 12h15, larga às 18h30, e ganha, por mês, R\$ 942,90 – mais uma gratificação de 25%. Mas, até 2008, Ubirajara dormia nos bancos de praça do centro de Recife.

Ex-morador de rua, decidiu participar de um dos concursos mais disputados do país. Acertou 133 das 150 questões e ficou em 136º. lugar entre os 171 classificados em Recife. Detalhe: o concurso teve mais de 19 mil inscritos. “As pessoas não sonham e nem deixam as outras sonharem. Quando eu falava que estava estudando para concurso público, ninguém acreditava. Algumas chegavam a me criticar por estudar tanto”, queixa-se Ubirajara, que morou nas ruas dos 14 aos 28 anos após ser abandonado pelos pais e fugir da casa da avó por maus-tratos.

Durante 14 anos, Ubirajara viveu de bicos. E da caridade dos outros. Quando não tinha nada em vista, refugiava-se em bibliotecas públicas, onde folhe-

ava jornais, lia revistas e tomava café, muito café, “para enganar a fome”. Quando completou 21 anos, resolveu voltar a estudar. Matriculou-se num curso supletivo e, cinco anos depois, concluiu o ensino médio. Em pouco tempo, descobriu a Internet e passou a frequentar *lan-houses*. Por sugestão de amigos virtuais, decidiu tentar a sorte em um concurso público. Foi pela Internet, aliás, que pesquisou o edital dos concursos, conseguiu material de estudo e trocou informação com outros candidatos. Em dois anos, prestou cinco concursos – todos para o cargo de auxiliar administrativo. Passou em três deles. Engana-se, porém, quem pensa que Ubirajara sossegou. O próximo passo é ser aprovado no concurso do Banco Central ou do Tribunal Regional Federal (TRF). Alguém duvida?

O que Ubirajara aprendeu? “Todo mundo precisa ter um propósito na vida. Se você tiver um e correr atrás dele, você consegue. Se eu consegui, qualquer um consegue.”



Ivan Sant'Anna

Momento da virada A vida de operador financeiro parecia não completar o vazio que Ivan Sant'Anna sentia. Ele não pensou duas vezes: largou tudo e optou pela carreira de escritor.

Mantra "Aventure-se. Tenha espírito de aventura!"

Quando trabalhava como operador financeiro, Ivan Sant'Anna, do Rio de Janeiro (RJ), levava uma vida de altos e baixos. Diplomado em Mercado de Capitais pela Universidade de Nova York, chegou a ganhar, no início dos anos 1970, o equivalente a 5 mil dólares por dia. Fretava jatinhos quando seu voo comercial atrasava e, certa vez, deu-se ao luxo de perder 30 mil dólares em um cassino em Veneza. Mas Ivan sentia que algo lhe faltava. "Desde os 10 anos, sou um leitor compulsivo. Mas jamais escrevi nada até dezembro de 1992, quando já estava com 52 anos. Por impulso, comecei a escrever *Os mercadores da noite* em um caderno escolar da minha filha", recorda Ivan Sant'Anna, referindo-se àquele que seria o segundo livro de sua bem-sucedida carreira literária. "Em 1995, cheguei à conclusão de que era ficar no mercado financeiro (onde fui rico e perdi tudo três vezes) ou ser escritor. Optei pela segunda hipótese e, passados 15 anos, continuo escrevendo", diz. Hoje, aos 70 anos, o autor de *Caixa-preta*, *Plano de ataque* e, o mais recente, *Em nome de sua majestade*, já totaliza 10 livros publicados. Juntos, venderam mais de 140 mil exemplares. "Na média, a profissão

de operador do mercado financeiro é bem mais rentável que a de escritor. Este, quando ganha um milhão de dólares em um livro (coisa que nem de perto aconteceu comigo), todo mundo fica com inveja. Já vi operador do mercado financeiro (aqui no Brasil) ganhar 30 milhões de dólares em um bônus de fim de ano", conta. Depois de trabalhar durante 37 anos nas Bolsas do Rio, de Nova York e de Chicago, Ivan Sant'Anna não se diz arrependido. "Às vezes, quando um dos meus livros fracassa, fico meio arrependido. Mas o sentimento dura, no máximo, dois ou três dias. Mesmo porque, quando um trabalho meu é lançado, já estou mergulhado na história seguinte há vários meses", assegura.

O que Ivan Sant'Anna aprendeu? "Se a pessoa sonha em dar uma guinada na vida, é porque não está gostando da vida atual. Então, o melhor a fazer é meter os peitos e ir em frente." ■

